



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Ana Maria de Matos Guimarães (UFRGS)
- Eliane Lousada (USP)
- Joaquim Dolz (UNIGE)

AVALIADO POR

- Terezinha da Costa-Hübes (UNIOESTE)
- Paulo Roberto Gonçalves-Segundo (USP)

SOBRE OS AUTORES

- Elaine Cristina Forte-Ferreira
Conceptualização. Curadoria de dados. Metodologia. Administração do projeto. Supervisão. Validação. Escrita – rascunho original. Escrita – análise e edição
- Juliana Gurgel Soares
Curadoria de dados. Investigação. Metodologia. Escrita – rascunho original
- Vicente de Lima-Neto
Conceptualização. Metodologia. Visualização. Escrita – rascunho original. Escrita – análise e edição.

DATAS

- Recebido: 15/09/2021
- Aceito: 09/01/2021
- Publicado: 17/05/2021

COMO CITAR

Forte-Ferreira, E. C.; Soares, J.; Lima-Neto, V. (2021). A influência de elementos cinésicos no gênero debate político: aspectos da multimodalidade na argumentação. *Revista da Abralín*, v. 20, n. 3, p. 1550-1570, 2021.

ESTUDO PILOTO

A influência de elementos cinésicos no gênero debate político: aspectos da multimodalidade na argumentação¹

Elaine Cristina FORTE-FERREIRA

Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)

Juliana Gurgel SOARES

Thomson Reuters - Revista dos Tribunais (RT)

Vicente de LIMA-NETO

Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)

RESUMO

A oralidade e seus elementos têm um caráter fundamental nas conquistas políticas ao redor do mundo, em toda a história da humanidade. À luz de uma análise na interface entre Semiótica Social (KRESS, 2010), Análise da Conversação (MARCUSCHI, 2007) e Nova Retórica (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005), objetivamos verificar de que forma elementos multimodais, com o foco nos gestos e nos olhares, ocorrem no gênero debate político e podem exercer influência sobre os argumentos que são construídos com o objetivo de consolidar teses e conseguir adesão de um público-alvo, no caso, os telespectadores e eleitores. Para atender ao propósito, desenvolvemos um estudo-piloto em um corpus de um debate do segundo turno das eleições brasileiras para a Presidência da República no ano de 2014, televisionado pela Rede Globo. Quanto aos procedimentos metodológicos, analisamos o material e selecionamos excertos em que

¹ Um estudo preliminar desse artigo foi apresentado em 2017 no IV Simpósio Nacional de Linguagens e Gêneros Textuais (IV SINALGE), em Campina Grande-PB.

verificamos como os presidencializáveis se utilizaram desses recursos semióticos da oralidade como estratégia persuasiva. Os resultados apontam que elementos cinésicos, como movimentos corporais, expressões faciais, gestos, olhares e risos desempenham importantes funções argumentativas, como o descrédito do oponente e a convicção dos pontos de vista defendidos, em busca do voto do eleitor.

ABSTRACT

Throughout human history, orality and its elements have a fundamental character in political achievements around the world. Based on an analysis of the interface between Social Semiotics (KRESS, 2010), Conversation Analysis (MARCUSCHI, 2007) and New Rhetoric (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005), we aim to verify how multimodal elements, focusing on gestures and looks, occur in the political debate genre and can influence arguments that are constructed with the objective of consolidating these and achieving adhesion of a target audience, in this case, viewers and voters. To serve the purpose, we developed this pilot study in a corpus of a one debate from the second round of the Brazilian elections for the Presidency of the Republic in 2014, televised by Rede Globo. About the methodological procedures, we analyzed the material and selected parts in which we verified how the presidential candidates used these semiotic resources of orality as a persuasive strategy. The results show that kinesic elements, such as body movements, facial expressions, gestures, looks and laughs play important argumentative functions, such as discrediting the opponent and the conviction of points of view defenses, in search for votes.

PALAVRAS-CHAVE

Oralidade. Gênero discursivo. Debate político. Multimodalidade. Argumentação.

KEYWORDS

Orality. Discursive genre. Political debate. Multimodality. Argumentation.

Introdução

Após a quebra da Bolsa dos Estados Unidos, em 1929, o mundo entrou em polvorosa. Milhares de empresas quebraram em todos os continentes, levando o planeta a um colapso econômico. Foi neste cenário que Adolf Hitler tornou-se Chanceler (chefe de governo) da Alemanha em 1933, com o Partido Nazista. Embora sendo um dos maiores genocidas que a humanidade já viu, é inegável a

liderança que o ditador austríaco conquistou, inclusive com grande apoio popular, e uma de suas características marcantes era o fato de ser um mestre na arte da oratória. Seus discursos inflamados, para milhares de pessoas, eram marcados por um domínio de uma série de elementos próprios da oralidade: o tom empregado na voz, o movimento de seus braços bradando para a população, o olhar reto e firme para o público, o ar sério e compenetrado ajudavam a conquistar multidões².

Embora cause repulsa, trazemos Hitler no início deste texto para mostrar como o domínio de elementos da oralidade por políticos pode ajudar a mudar a história do mundo: assim também foi com Platão e Aristóteles, na Grécia Antiga; com Júlio César, no Império Romano e, mais recentemente, com Mahatma Ghandi, Martin Luther King, Nelson Mandela e Lula, no século XX, além de tantos outros excelentes oradores reconhecidos na história como líderes também pelas habilidades na arte de falar e conquistar um público.

Ao considerarmos a relevância do domínio da oralidade para a argumentação, este estudo tenta responder à seguinte pergunta: de que maneira os gestos e os olhares, elementos presentes na oralidade, influenciam na argumentação em debates políticos? Nosso olhar aqui recairá sobre a abordagem da Multimodalidade, sob os baldrames epistemológicos da Semiótica Social (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006; KRESS, 2010; DIONÍSIO, 2014; ADAMI, 2016), fazendo uma ponte com a Análise da Conversação (MARCUSCHI, 2007; KERBRAT-ORECCHIONI, 2006), que é a primeira seara a desenvolver estudos que consideram os chamados *elementos cinésicos* nas interações face a face, e a Nova Retórica (PERELMAN, 1998; PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005). Assumimos a hipótese de trabalho de que os recursos semióticos não verbais empregados em debates políticos, como os gestos e os olhares, contribuem demasiadamente para a sustentação de teses.

Partimos do pressuposto de que a multimodalidade é constitutiva de todo e qualquer texto que se materializa em todo e qualquer gênero do discurso, e isso naturalmente envolve as práticas da oralidade em gêneros predominantemente orais, como os discursos políticos, as exposições orais, os debates, as reuniões de negócios, as palestras etc.

Metodologicamente, analisamos um vídeo do 2º turno das eleições presidenciais brasileiras de 2014, disponível na plataforma YouTube, que será descrito minuciosamente na subseção metodológica. O intuito é verificar de que forma elementos multimodais, com o foco nos gestos e nos olhares, ocorrem no gênero debate e podem exercer influência sobre os argumentos que são construídos com o objetivo de consolidar teses e conseguir adesão de um público-alvo, no caso, os telespectadores e eleitores.

Finalmente, apresentaremos nossas compreensões de como se mostra relevante o trabalho com os recursos semióticos da oralidade significativamente presentes em gêneros, podendo exercer influências importantes no que toca aos propósitos interativos e comunicacionais dos gêneros orais, neste caso, o debate político.

² Estão disponíveis alguns discursos do ditador traduzidos para o português na plataforma YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CNJILLcsQII&bpctr=1561770625>. Acesso em: 15 jun. 2021.

1 Multimodalidade e elementos cinésicos

Reconhecemos que a Análise da Conversação tem sido, há mais de quarenta anos, seara frutífera e aberta a diálogos com muitas outras áreas³, tendo realizado articulações, pelo menos na última década, com os Novos Estudos do Letramento (OSTERMANN; PEROBELLI, 2019) e com uma perspectiva corporificada da interação social (MONDADA, 2016). Neste tópico, começamos a apresentar os conceitos que embasam a pesquisa e o nosso lugar de fala, que se encontra em algum ponto de intersecção entre a Semiótica Social, a Análise da Conversação e a Nova Retórica. Embora pareçam áreas que se distanciam em seus objetos de estudo, veremos que também se irmanam em muitas questões, sobretudo quando se trata de produção de sentido na comunicação face a face.

O que chamamos aqui de multimodalidade é uma abordagem inserida na Semiótica Social e um campo de estudo que investiga as expressões de sentido e seus efeitos na comunicação. Adami (2016) assume que “como fenômeno de comunicação, a multimodalidade define a combinação de diferentes recursos semióticos ou modos, em textos e eventos comunicativos, como imagens paradas ou em movimento, fala, escrita, layout, gestos e ou elementos proxêmicos” (ADAMI, 2016, p.3). Por *modo semiótico* consideramos “um recurso semiótico socialmente formatado e culturalmente dado para a produção de significado” (KRESS, 2010, p. 79).

Aqui, consideremos também o termo *recurso semiótico* não como definidor de um modo, como faz Kress (2010), mas como o(s) elemento(s) que estão inseridos em modos semióticos ditos mais amplos. Na fala, por exemplo, considerado um *modo* por Kress (2010) e Adami (2016), há elementos prosódicos que também constituem significado: o tom de voz (pode demonstrar emoções variadas, como ira, alegria, tristeza etc.), a velocidade da fala (também no campo das emoções, pode demonstrar nervosismo, insegurança, ansiedade ou até mesmo vontade de extravasar um sentimento etc.) e a extensão vocal (no espaço profissional da música, esta questão é determinante, pois delimita diferentes tipos de cantores, como tenor/soprano, barítono/ mezzo-soprano e baixo/ contralto) podem assumir diferentes funções discursivas em determinados contextos.

Como abordamos gêneros orais aqui, com foco no debate político, os recursos empregados pelos debatedores – postura física, mímicas faciais, olhares, movimentos de braços ou pernas, gestos, conforme destacou Bueno (2008) – constituem o modo cinésico inerente à produção de gêneros predominantemente orais. Somam-se a esse modo outros recursos semióticos, como meneio de cabeça, direção do olhar, risos, posição e movimentos do corpo em geral, que podem ser poderosos para convencer a plateia das teses desenvolvidas pelos participantes.

Não queremos advogar sobre como o debate político é multimodal – afinal todo e qualquer gênero o é –, mas sim como os aspectos da multimodalidade podem influenciar na conjuntura do gênero e no sentido que produz, interferindo ou não, nas finalidades interativas da comunicação. Estas observações relacionadas à multimodalidade se tornam importantes exatamente pelo fato de que a

³ Confira Kerbrat-Orecchioni (2006) e Frazão; Lima (2017), que fazem excelente exposição sobre a questão.

união articulada destas distintas formas de linguagem pode ser capaz de gerar reflexos naquilo que é dito de maneira a atingir o público-alvo da interação. Resta-nos saber de que maneira.

1.1 Sobre os recursos semióticos não-verbais no debate

Os modos dispõem de uma enorme gama de escolhas para as distintas relações interpessoais construídas pelos participantes do discurso, de acordo com a representação visual requerida. Para o presente estudo, interessa-nos tomar por base os pressupostos desta teoria que englobam as mais variadas formas de linguagem, como imagens, gestos, posturas, quando ocorrem simultaneamente em uma ação social, que demanda o domínio dos mais diversos letramentos para que faça sentido em um determinado contexto, conforme Rojo (2012). Com isso, é possível manejar elementos das mais diversas ordens constantes em uma produção, não apenas o que é verbal em um texto, mas também os muitos modos que o complementam e juntos levam à construção de significado.

Assim compreendidos os aspectos relacionados à multimodalidade, percebemos claramente a sua incidência nos gêneros do discurso, uma vez que, de acordo com Bakhtin (2011), todas as ações sociais ocorrem por meio deles, o que significa que não há como analisar aspectos multimodais senão em um gênero executado em uma situação real de comunicação. Em se tratando de gêneros realizados com o suporte da voz humana e produzidos para serem realizados oralmente (TRAVAGLIA, 2017), percebe-se que há outros recursos para além da voz que o constituem, o que chamaremos aqui de recursos não-verbais. No debate político, essa questão é de fundamental importância, uma vez que são tais elementos que ajudam na construção da imagem de grandes líderes na história da humanidade, tanto pacifistas, como Nelson Mandela, Martin Luther King e Barack Obama, quando ditadores, como Adolf Hitler e Benito Mussolini.

Sobre esses recursos não-verbais – que, claro, são também recursos semióticos – a discussão não é nova: segundo Cestero Mancera (2006), há pelo menos 150 anos, desde Charles Darwin e sua obra *The Expression of the emotions in man and animals* (1872), o tema tem interesse científico. Nas ciências humanas, a temática ganha corpo ao fim dos anos 1950, na Antropologia e, na década de 1970, os primeiros trabalhos da Análise da Conversação trazem o assunto à baila nas Ciências da Linguagem.

Entendemos aqui que a comunicação não verbal “engloba todos os signos e os sistemas de signos não linguísticos que comunicam ou se utilizam para comunicar” (CESTERO MANCERA, 2006, p. 59). A partir dessa concepção, alguns autores propuseram categorias específicas que dariam conta desses signos. Birdwhistell (1970), por exemplo, é um dos primeiros a sistematizar elementos não verbais em categorias, como a proxêmica (que trata da distância social), a cronêmica (que trata da concepção e estruturação do tempo) e a cinésica (que trata dos movimentos do corpo)⁴. Dionisio (2006) resgata

⁴ Remetemos o leitor também a Knapp (1982), Steinberg (1988) e Cestero Mancera (2006), que se dedicam a estudar de maneira mais aprofundada outras categorizações que não serão abordadas neste estudo.

Steinberg (1988), que amplia a discussão e traz uma categorização de recursos que podem ser utilizados por falantes em uma conversa:

a) Paralinguagem: sons emitidos pelo aparelho fonador, mas que não fazem parte do sistema sonoro da língua usada;
b) Cinésica: movimento do corpo como gestos, postura, expressão facial, olhar e riso;
c) Proxêmica: a distância mantida entre os interlocutores;
d) Tacêsica: o uso de toques durante a interação;
e) Silêncio: a ausência de construções linguísticas e de recursos da paralinguagem.

QUADRO 1- Recursos não verbais da comunicação
 Fonte: Dionisio (2006, p.77)

Em debates políticos, todos esses aspectos são fundamentais em busca da adesão do público. Sob a base teórica da Análise da Conversação, os atos paralinguísticos e os cinésicos cumprem funções diversificadas nas situações comunicativas, conclusão também assumida pela Semiótica Social. Além dessa sistematização, também é importante trazer Schneuwly e Dolz (2004), que, na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo, aborda os elementos não linguísticos, todos com carga semiótica fundamental para as interações orais, como podemos verificar abaixo:

MEIOS PARALINGUÍSTICOS	MEIOS CINÉSICOS	POSIÇÃO DOS LOCUTORES	ASPECTO EXTERIOR	DISPOSIÇÃO DOS LUGARES
Qualidade da voz Melodia Elocução e pausas Respiração Risos Suspiros	Atitudes corporais Movimentos Gestos Troca de olhares Mímicas faciais	Ocupação de lugares Espaço pessoal Distâncias Contato físico	Roupas Disfarces Penteado Óculos Limpeza	Lugares Disposição Iluminação Disposição das cadeiras Ordem Ventilação Decoração

QUADRO 2: Meios não-linguísticos da comunicação oral
 Fonte: Schneuwly e Dolz (2004, p. 143).

Os referidos autores apresentam todos estes elementos para além da linguagem verbal que incidem influência no sentido conferido ao gênero⁵. Com isso, unimos as duas vertentes teóricas e

5 Vale destacar que esses elementos podem ser considerados como fator de interferência no sentido daquilo que se pretende alcançar, mas não é só isso. Muitas vezes são também características próprias do argumentador em várias outras situações comunicativas e gêneros diversos. E cremos que essa é mais uma razão pela qual os elementos cinésicos merecem uma atenção especial, já que eles têm potencial para favorecer, ou não, quem deles se utiliza, bem ou mal.

acreditamos que esta aproximação nos permite uma maior clareza sobre o objetivo de buscar compreender como esses aspectos são capazes de intervir na construção de sentido em um gênero do discurso, no caso deste estudo, o gênero debate político.

Vamos nos centrar aqui nos meios cinésicos: Davis ([1979] 2009, p. 14) já defende que a cinésica é “a ciência que estuda os movimentos do corpo”. Isso significa que esses elementos se relacionam diretamente à linguagem corporal, que podem acompanhar elementos linguísticos (configurando a multimodalidade), uma vez que se tratam de meios não-linguísticos na comunicação oral e que englobam movimentos como gestos, expressões faciais, olhares, risos e acrescentaríamos ainda os movimentos do corpo, como meneios de cabeça e utilização de braços e pernas. Outros autores, como Goodwin (1986; 2000) e Kendon (2004) já discutiam questões sobre os gestos há décadas, buscando significados para as ações corporificadas. São esses autores, por exemplo, que constituem a base para o que se tem chamado de Análise da Conversa Multimodal (MONDADA, 2014).

Os aspectos gestuais apontados por Schnewly e Dolz (2004) são meios cinésicos que coocorrem com a linguagem verbal nos gêneros orais, bem como com muitos outros elementos que, apesar de não constituírem objeto deste trabalho, integram estes gêneros no momento em que são produzidos. Então, considerando estas premissas, vamos entender que os recursos cinésicos são bastante poderosos no cumprimento de funções significativas para adesão dos espíritos às teses apresentadas, à luz dos estudos da Nova Retórica.

2 Argumentação

No intento de traçar a proposta deste trabalho, é necessário fazer um apanhando, ainda que geral, acerca da argumentação. Tendo por base a retórica de Aristóteles, Chaïm Perelman elabora uma nova teoria que chama de Nova Retórica. Sua principal obra é o *Traité de l'argumentation - la nouvelle rhétorique*⁶, de 1958, está disposta em três seções: os pressupostos, os pontos de partida da argumentação e as técnicas argumentativas. Para o presente estudo, interessa-nos mais diretamente a primeira.

A Nova Retórica veio para se contrapor ao Positivismo Lógico, que tinha o fim de comprovar todas as proposições pura e logicamente. Esta corrente apregoa a possibilidade de comprovação da verdade por meio da lógica, desconsiderando que qualquer questão fatídica possa ser ligada a juízos de valor. Ao revés, conforme Gontijo (2011), as ideologias retóricas se voltam para a persuasão e, com o decair do positivismo lógico, as proposições da retórica começaram a ganhar espaço.

Em oposição ao positivismo lógico, Perelman; Olbrechts-Tyteca (2005) propõem que é possível o uso de valores no campo da razão. Para tanto, lecionam que a argumentação se volta para uma lógica dos valores, da razoabilidade da adesão ao que é proposto mediante o convencimento ou a persuasão, e não uma lógica estritamente racional e irreduzível. Então a retórica se voltaria em seu

6 No Brasil, a obra foi traduzida e nos utilizamos da edição de 2005, pela Editora Martins Fontes.

objeto: “O estudo das técnicas discursivas que visam provocar ou a aumentar a adesão das mentes às teses apresentadas a seu assentimento” (PERELMAN, 1998, p. 141). Assim, o autor compreende que, para que sejam atingidos os objetivos da vida humana, intrínseca aos valores, o caminho mais viável é através da discussão.

É exatamente o que ocorre em um debate político, quando os candidatos a um determinado cargo a ser ocupado após escolha popular, mediante voto, constroem argumentos com vistas a alcançarem a adesão de seus eleitores que têm por objetivo serem eleitos. Dada a importância disto, é nosso propósito analisar como aparecem os elementos cinésicos nesta construção argumentativa e se estes elementos têm o condão de intervir de alguma maneira no propósito do gênero oral escolhido.

A Retórica, segundo a teoria de Perelman; Olbrechts-Tyteca (2005), constitui-se como a adesão de um ou mais espíritos mediante a utilização da argumentação, não buscando posições imparciais, afirmações acabadas, lógicas, mas a mudança do pensamento daqueles espíritos e, conseqüentemente, da forma como agirão logo após o ato de adesão àqueles argumentos.

Na referida teoria (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005), o conjunto de espíritos se constitui para nós como auditório, elemento essencial para o seu desenvolvimento e compreensão, consoante o teórico. Todo discurso proferido está inserido em um contexto, tem vistas a alcançar um auditório que é, para Perelman; Olbrechts -Tyteca (2005, p. 22), “o conjunto daqueles a quem o orador quer influenciar com sua argumentação” e conseguir adesão deste auditório mediante o convencimento ou a persuasão. Os autores classificam em seu estudo alguns tipos de auditório essencialmente a partir da extensão: auditório universal, constituído por toda a humanidade, ou pelo menos por todos os homens adultos e normais que figuram como destinatários de um dado discurso; auditório de um único ouvinte, quando a argumentação se destina a um único interlocutor; e a deliberação consigo mesmo, quando apenas o próprio orador é abrangido. Cada um deve ser observado no momento da argumentação a ser desenvolvida para poder alcançar os fins aos quais se propõe.

Seguindo com os conceitos estabelecidos por Perelman; Olbrechts -Tyteca (2005) e a partir da concepção de auditório que acabamos de expor, se faz necessário mencionar a distinção que apresenta entre persuasão e convencimento. Para os autores neoretóricos, o ato de persuadir está relacionado com o discurso proferido em razão de um auditório particular, quando se busca a adesão de um único interlocutor a uma dada a tese; este liame acaba por implicar uma outra caracterização: nos casos de argumentos empregados mediante a persuasão, estes restarão como argumentos tido como eficazes, apenas. Já no que se refere ao convencimento, este se volta para a busca pelo acordo de um auditório universal. Por via de consequência, os argumentos que conseguem galgar acordo de um auditório universal são reputados como válidos.

A questão do auditório no Tratado da Argumentação também está ligada à Teoria dos Valores, tratada pelos autores que, em síntese, define valores concretos e valores abstratos. Os primeiros são válidos para o auditório particular; enquanto que os segundos para o auditório universal. São muitas as discussões acerca desse ponto, mas, tratando-se de um debate político, entendemos não ser possível a exclusão do auditório universal, uma vez que os valores existentes no conteúdo que é produzido no gênero, concretos, dizem respeito diretamente a questões sociais universais.

Ainda é preciso destacar que não há uma linha de distinção clara entre a persuasão e o convencimento (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005). Em alguns momentos, a eficácia da persuasão e a validade do convencimento podem se inter-relacionar a fim de alcançar o acordo de um dado auditério a quem se destina um determinado discurso argumentativo.

Subsumidos os pressupostos teóricos e as categorias que atravessam o debate político, passemos às questões metodológicas.

3 Aspectos metodológicos

Nesta subseção, apresentaremos o universo desta pesquisa, a escolha e construção do corpus, bem como o caminho que foi percorrido por nós com o fim de chegar ao que objetivamos.

Na busca de consolidar suposições de trabalho que possibilitem articulações teóricas para a constituição de categorias de análise, realizamos um estudo piloto com um vídeo ambientado no site YouTube⁷, que está entre as maiores plataformas de vídeos do mundo e permite aos usuários carregar, ver e compartilhar um acervo de vídeos de diferentes categorias, inclusive os de natureza política. O vídeo em questão é o debate entre candidatos à presidência da república no Brasil, intitulado “Debate eleitoral 2014 - 2º turno - Globo 24/OUT [1º BLOCO]”⁸.

Ocorrido no segundo turno das eleições presidenciais do Brasil de 2014, em 24 de outubro de 2014, dois dias antes do pleito, entre os candidatos Aécio Neves (PSDB) e Dilma Rousseff (PT), o vídeo tem duração de 30 minutos e 04 segundos, e a justificativa para sua escolha se dá pelo fato de ser culturalmente o mais importante debate da campanha, uma vez que é o último antes do segundo turno e é transmitido em horário nobre pela Rede Globo, com audiência prévia de 30 pontos, a mais alta do país⁹. Para esta análise, selecionamos o primeiro bloco do debate, que se centra no confronto direto entre os debatedores. Este bloco propicia flagrar com mais acurácia o modo cinésico dos argumentadores, por meio dos recursos semióticos utilizados por eles.

Todo o vídeo foi transcrito, de acordo com as normas do Projeto Norma Linguística Urbana Culta (NURC), para o melhor manejo com os dados. Neste debate político, analisaremos de que forma aparecem os gestos e os olhares, como recursos semióticos integrantes do modo cinésico dentro do gênero oral e se estes elementos intervêm de alguma maneira na argumentação ali produzida, uma vez que é este o propósito do gênero em tela: angariar a adesão dos espíritos que compõe o auditório universal aos argumentos (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005), aqui tratando-se do público-alvo do debate político, que são os telespectadores/eleitores.

⁷ Disponível em: www.youtube.com.br

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CTaLRKEUWHU>. Acesso em: 02 jul. 2021.

⁹ Informação disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1538143-audiencia-dos-debates-aumenta-no-segundo-turno.shtml>. Acesso em: 24 jun. 2021.

4 A multimodalidade na argumentação a partir dos elementos cinésicos em um debate

A partir de uma visão dialógica da linguagem (VOLÓCHINOV, 2018), podemos afirmar que os gêneros de caráter argumentativo são repletos de intenções político-ideológicas que carregam e buscam propagar uma ou mais teses daquele que as enuncia e assim busca torná-las aceitas. É o que apregoa Koch (2006, p. 29): “Se pode afirmar que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo: pretendemos orientar os enunciados que produzimos no sentido de determinadas conclusões (com exclusão de outras). Em outras palavras, procuramos dotar nossos enunciados de determinada força argumentativa”. Para além dos enunciados¹⁰, propomos uma análise mais didática, em que a separação pelas funções discursivas e o significado representadas pelos elementos cinésicos.

4.1 Recursos cinésicos e argumentação: o descrédito

Ao longo de todo o debate, visualiza-se a presença de gestos por parte dos debatedores simultaneamente à elocução, confirmando o que diz Dionísio (2007, p.179): “Quando falamos, usamos não só a voz, mas também o corpo [...], uma vez que palavra e gestos funcionam juntos na construção de sentido do meu enunciado”. Isto confirma a multissemiose nos gêneros orais, haja vista ocorrer por meio de elementos cinésicos de diferentes naturezas: o tom de voz, os elementos prosódicos, os gestos corporais, as expressões faciais e o uso dos espaços físicos pelos debatedores são recursos semióticos importantes que constroem sentido naquele evento comunicativo.

No primeiro bloco do debate político, objeto desta análise, os candidatos fazem perguntas um para o outro, com temática livre. O primeiro questionamento foi feito pelo candidato Aécio Neves, que teve oportunidade de perguntar à candidata Dilma acerca das denúncias de corrupção na Petrobrás, e exemplificou com uma denúncia feita por uma revista de circulação nacional acerca da corrupção na citada estatal:

(Aécio - 4:19) candidata... essa campanha vai passar pra história como a mais sórdida das campanhas eleitorais do nosso sistema democrático... a calúnia... a infâmia... as acusações irresponsáveis foram feitas não apenas em relação a mim... em relação ao Eduardo Campos... depois em relação a Marina... agora em relação... a mim... (isso) é um PÉSSIMO exemplo... [...] a revista hoje publica que o delator... um dos delatores do... do petróleo disse que a senhora e o ex-presidente Lula tinham conhecimento da corrupção na petrobras. [...] a senhora sabia... candidata... da corrupção na petrobras?.

(Dilma - 4:58) candidato... é... fato que que o senhor tem feito uma campanha EXTREMAMENTE agressiva a mim e isso... é reconhecido... por todos os eleitores... agora... essa revista... que fez

¹⁰ Em Koch (2006), a análise da Linguística Textual da época era centrada em enunciados linguísticos.

e faz sistemática oposição a mim... faz uma calúnia ... uma difamação do porte que ela fez hoje o senhor endossa a pergunta...[...]



FIGURA 1 – Sequência 1 de Dilma

Fonte: Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=CTaLRKEUWHU> > Acesso em: 02 jul.2021.



FIGURA 2 – Sequência 2 de Dilma

Fonte: Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=CTaLRKEUWHU> > Acesso em: 02 jul.2021.



FIGURA 3 – Sequência 3 de Dilma

Fonte: Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=CTaLRKEUWHU> > Acesso em: 02 jul.2021.

Evidentemente a bidimensionalidade deste suporte em que o leitor lê não dá conta da imagem em movimento, mas tentamos representar, na sequência de fotos, os movimentos corporais e a direção do olhar da candidata, numa clara ameaça à sua face. Primeiro, gera-se uma pausa, na organização de sua resposta, dirigindo o seu olhar para o chão, mas depois (em 2 e 3) pode-se perceber um olhar com direcionamento indefinido, ora para a plateia no estúdio, ora para o seu adversário político, ora para as câmeras. Atrelado a isso, a então candidata começa respondendo à questão apontando para a agressividade da campanha do oponente, o que não necessariamente responde à pergunta do presidenciável. Segundo Miguel (2015, p. 157),

o medo é despertado frente a um evento causado pelo ambiente ou por outra pessoa, e que é avaliado como ameaçador [...], tipicamente resultando numa resposta de fuga que objetiva colocar o indivíduo em segurança. Alguns modelos localizam a ansiedade dentro da categoria medo, pois, em ambos os casos, considera-se a emoção como uma resposta a um perigo.

Logo, a característica do olhar indefinido, atrelado ao balanço do corpo e com aparente fuga da resposta no início podem apontar para a ansiedade e possível insegurança nesse instante da então candidata, uma vez que ela estava em situação de avaliação e, de acordo com Miguel (2015), essa pode ser uma reação a uma ameaça, o que a deixou insegura. Uma das claras evidências disto foi ausência de foco no olhar pós pergunta que lhe foi dirigida. Eis aqui como o olhar é um recurso semiótico cuja construção do significado pode demonstrar a insegurança, que, por conseguinte, pode levar ao descrédito por parte da população.

Um segundo exemplo acontece ao final do bloco: a essa altura do debate, a candidata Dilma se utilizava de uma estratégia de ataque ao declarar que o governo anterior, agora aliado do candidato opositor, construiu pouquíssimas escolas técnicas se comparado com o governo atual, e o outro debatedor seria “líder do governo à época”.

(Dilma – 24:42) *candidato eu sempre gosto de perguntar a respeito do PRONATEC... porque que eu gosto do PRONATEC candidato? porque o PRONATEC ele resolve vários... várias questões e desafios... vocês... fizeram uma lei proibindo que o governo federal fizesse e mantivesse escolas técnicas... por isso fizeram... ao longo de oito anos só onze escolas técnicas... o senhor era líder do governo FHC... o senhor vai continuar com essa política?*

(Aécio – 25:14) () *ter que corrigi-la em público... mas eu era líder do PSDB...mas vamos passar isso... ((risos)) deixar isso um pouco mais barato...*

(Dilma – 25:20): *dá no mesmo...*

(Aécio – 25:21): *éh:... ((riso)) mais ou menos candidata... pra quem não conhece o congresso nacional talvez sim ((risos))... mas é muito diferente ((risos, vaias e aplausos da plateia))*



FIGURA 4 – Riso de Aécio Neves

Fonte: Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=CTaLRKEUWHU>> Acesso em: 02 jul.2021.



FIGURA 5 – Mãos espalmadas de Aécio Neves

Fonte: Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=CTaLRKEUWHU>> Acesso em: 02 jul.2021.

Em resposta, o candidato Aécio contra-atacou, asseverando que não era líder do governo, mas apenas do seu partido no Congresso, e a candidata cometia esse equívoco por desconhecer o funcionamento do Congresso Nacional. Em sua expressão facial, esboçava-se um riso, que, nesse contexto, pode ser enquadrado no papel do ridículo na argumentação (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.233-234):

O ridículo é aquilo que merece ser sancionado pelo riso, aquilo que E. Dupréel, em sua excelente análise, qualificou de “riso da exclusão”. [...] O ridículo é uma arma poderosa de que o orador dispõe contra os que podem, provavelmente, abalar-lhe a argumentação, recusando-se, sem razão, a aderir a uma ou outra premissa de seu discurso.

O candidato Aécio, com o “riso da exclusão”, expõe a então presidenta Dilma à chacota da plateia, utilizando-se do recurso da ironia, também uma figura eficaz para ridicularizar um oponente – neste caso, político. Desconcertada, a candidata respondeu “dá no mesmo” e, neste momento, seu opositor fez um meneio de cabeça, atrelado a um movimento com suas mãos posicionando-as abertas (5), numa demonstração para a debatedora e para o auditório de que a tentativa da então

candidata de se sobressair restou infrutífera. O oponente cuja face foi ameaçada (GOFFMAN, 1967) ficou em posição de descrédito, perdendo certa legitimidade.

À luz da teoria argumentativa (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005), que visa às qualidades da argumentação para adesão das mentes, os recursos cinésicos utilizados por Aécio são também técnicas discursivas que auxiliam na construção de sua tese de que a sua oponente é a menos preparada e que ele, portanto, é a melhor escolha para assumir o posto mais alto do Executivo, dado o baixo conhecimento do funcionamento do Congresso – e por conseguinte de toda a estrutura do poder Legislativo – por parte da então presidenta. A escolha desses recursos semióticos – o riso debochado, o meneio de cabeça e as mãos espalmadas, atreladas às informações dadas pelo candidato num tom de voz calmo, sereno e levemente sorridente – foi tão certa que eles geraram, de um lado, risos e aplausos da plateia apoiadora de Aécio (a adesão dos espíritos, portanto, objetivo do debate); e, de outro, vaias, dos oponentes.

O que vimos até agora foi como o modo cinésico e seus recursos semióticos, a depender de como ele é construída socialmente, pode influenciar a opinião de um público de maneira negativa. Aqui, mostramos como isso pode desacreditar um candidato à Presidência da República. Em um debate político, por exemplo, movimentos não calculados do corpo podem custar votos. Vejamos como outros recursos cinésicos podem ser utilizados agora como estratégia de convicção.

4.2 Recursos cinésicos e argumentação: a convicção

No início da análise, observamos a primeira pergunta que Aécio fez a Dilma, mostrando que a primeira parte da resposta da candidata pode tê-la desacreditado perante o grande público, uma vez que suas expressões faciais e o seu olhar demonstraram claro incômodo e falta de segurança com a pergunta. Entretanto, na segunda parte de sua resposta, a candidata assume outra postura:

(Dilma – 5:31) eu... manifesto aqui a minha INTEIRA indignação... porque essa revista tem o hábito de nos finais... das campanhas... na reta final... tentar dar um golpe eleitoral e isso não é a primeira vez que ela fez... fez em dois mil e dois... fez em dois mil e seis... fez em dois mil e dez e agora faz em dois mil e catorze... o povo não é bobo candidato... o povo sabe que... está sendo manipulada essa informação porque não foi apresentada NENHUMA prova... eu irei a justiça para defender-me e ao mesmo tempo eu tenho certeza... que o povo brasileiro... vai mostrar a sua indignação... no domingo... votando e derrotando... essa proposta que o senhor representa e que é o retrocesso no Brasil.... (grifos nossos)



FIGURA 6 – Ângulo frontal de Aécio e Dilma

Fonte: < <https://www.youtube.com/watch?v=CTaLRKEUWHU> > Acesso em: 02 jul. 2021



FIGURA 7 – Ângulo frontal de Dilma

Fonte: < <https://www.youtube.com/watch?v=CTaLRKEUWHU> > Acesso em: 02 jul. 2021.

Kress (2010, p. 83) assume que “a varredura de um gesto é uma variável infinita em seus efeitos expressivos. Os gestos são impermanentes – uma vez feitos, nenhum vestígio visível dele permanece. O gesto pode ser, portanto, um modo com usos particulares em certos domínios sociais [...]”, e isso é interessante, pois assegura que os gestos variam entre contextos específicos. No meio político, sobretudo o brasileiro, são recursos semióticos poderosos atrelados à oralidade, e o gesto tem como uma de suas funções retóricas a ênfase nas teses defendidas pelos enunciadores. Mesmo assim, seus alcances apresentam uma variedade infinita. No exemplo em tela, a candidata fez uso das mãos aliada a sua voz com intento de chamar mais a atenção de seu público e enfatizar o que estava sendo dito por ela. Suas mãos demarcaram o que sua voz pronunciava, provocando uma percepção de força e seriedade do argumento em seu auditório (6). Neste trecho, Dilma gesticula em direção à câmera que está por trás de Aécio, apontando para o povo brasileiro, que mostrará a sua indignação votando para derrotar a candidatura de seu oponente.

É interessante marcar aqui que a candidata, embora esteja respondendo a uma pergunta de Aécio, tem como interlocutor o povo brasileiro, os seus telespectadores. Isso é demonstrado tanto pelo gesto com a mão (6), de que falamos há pouco, quanto pela direção do olhar para a câmera (7), e não para o debatedor, atrelado ao gesto enfático com a mão direita, o que parece demonstrar, portanto, segurança e convicção naquilo que profere para o seu público-alvo. Tem-se, então, um recurso semiótico escolhido que causa impacto, cuja função discursiva é enfatizar a defesa de sua tese, no caso, a de que os brasileiros, potenciais eleitores, são o seu verdadeiro interesse, que, naquele momento, estavam representados pela câmera. São eles que votarão contra o retrocesso do país, que está representado na candidatura de Aécio Neves¹¹.

Ainda na mesma seara das expressões faciais, dentre os quais já analisamos diferentes perspectivas do olhar, vale a pena atentar para outros recursos semióticos importantes num debate, como o levantar de sobrancelhas, arregalando os olhos. Vejamos dois momentos:



FIGURA 8 – Estratégia facial de surpresa

Fonte: < <https://www.youtube.com/watch?v=CTaLRKEUWHU> > Acesso em: 02 jul. 2021.

¹¹ Reconhecemos a evidência de que elementos prosódicos, como o tom de voz e as pausas utilizadas pela candidata, que não são objeto de análise aqui, são fundamentais para aderir a seu público-alvo, mas assumimos o pressuposto de que os elementos linguísticos e paralinguísticos não teriam o mesmo efeito se não fosse acompanhado dos cinésicos.



FIGURA 9 – Estratégia facial para desestabilização

Fonte: < <https://www.youtube.com/watch?v=CTaLRKEUWHU> > Acesso em: 02 jul. 2021.

Em 8, enquanto o candidato narra um episódio de possível fraude, por parte da campanha de sua oponente, apresenta expressões faciais que devem levar os telespectadores a ficarem surpresos com as informações relatadas e, para isso, utiliza-se do recurso facial do levantar de sobrancelhas. Em 9, perguntando à oponente se há orgulho dela por parte de tais ações, a estratégia é a de franzir a testa, com expressão fechada, demonstrando seriedade e crítica, com claro propósito de desestabilizá-la.

A candidata, por sua vez, se utiliza da mesma estratégia – o levante de sobrancelhas – mas já com o propósito de se defender, como se vê abaixo:



FIGURA 10 – Estratégias faciais de Dilma

Fonte: < <https://www.youtube.com/watch?v=CTaLRKEUWHU> > Acesso em: 02 jul. 2021.

(Dilma – 7:31) [...] *jamais reprimi a imprensa... tenho respeito pela liberdade de imprensa porque... eu vivi os tempos... ESCUros desse país... agora candidato... eu acredito que o senhor cita duas revistas candidato... que nós sabemos pra quem fazem campanha... e acredito que... a partir de segunda-feira... vai desaparecer essa acusação... agora... eu não vou deixar que ela*

desapareça... eu vou investigar os corruptos e os corruptores... e os motivos pelos quais isso chegou a esse ponto...

Neste instante, ocorreu que os argumentos proferidos pela debatedora foram reafirmados em consonância com o olhar dirigido à câmera, aliado às expressões mais enfáticas, como o arregalar de olhos e o levantar de sobrancelhas, transmitindo convicção e tranquilidade que se espera ao defender uma tese que deve ser aceita. A eleição de 2014 foi vencida por Dilma Rousseff, por pouco mais de três milhões de votos, sendo uma das mais apertadas na história da democracia brasileira.

5 Considerações semifinais

Por tudo o que aqui foi exposto, compreendemos a necessidade de atentar para as questões referentes à multimodalidade enquanto elementos que integram os gêneros orais, como o debate político, e que, junto a outros, estabelecem uma relação de complementaridade, unindo-se para que incorram na construção de sentido naquela produção.

Consoante os ensinamentos de Dionisio (2007), ao materializar a produção de um gênero oral, fazemos uso não apenas da voz, assim como de uma gama de outros elementos que fazem da fala. Ainda conforme as afirmações da pesquisadora (DIONISIO, 2007), destacamos a importância dos elementos multissemióticos inseridos nos gêneros orais, visto que se, porventura, fossem suprimidos em todas as suas formas, comprometeriam o sentido e poderiam até inviabilizar a interação por meio daquele gênero, portanto torna-se indispensável conferir-lhes uma atenção proporcional a sua importância.

A multimodalidade dos gêneros orais também pode exercer influência nas questões ditas argumentativas nas produções desta natureza. Sabendo que a argumentação acontece com vistas à adesão de um auditório a determinado postulado (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005), os recursos semióticos integrantes daquele gênero em tela são passíveis de desempenhar funções discursivas nas construções de argumentação em um debate, por exemplo, de modo a ser capaz de interferir positiva ou negativamente na conjuntura global do gênero e, por conseguinte, influenciar posicionamentos de potenciais eleitores.

Para este trabalho, elegemos uma interface produtiva entre a Análise da Conversação, de onde extraímos a terminologia dos elementos cinésicos enquanto meios não-linguísticos da oralidade; a Semiótica Social e a abordagem da multimodalidade, de onde resgatamos termos como modo e recursos semióticos; e a Nova Retórica, que se propõe a estudar a Argumentação.

Concluimos, neste estudo piloto, que uma série de movimentos corporais, pouco prestigiados nas análises das Ciências da Linguagem, são recursos semióticos fundamentais em debates políticos, sobretudo por funcionarem como estratégias argumentativas em busca da adesão de seu público, podendo ora desacreditar o seu oponente, ora mostrar convicção de suas teses.

Na análise aqui empreendida, que articulou diferentes searas do conhecimento para dar conta de uma relação entre o modo cinésico e a argumentação, mostramos que as expressões faciais

funcionaram tanto para desestabilizar o oponente – o riso, beirando ao deboche, o levantar de sobrancelhas ou o franzimento da testa, em ar de seriedade e crítica –, quanto para mostrar convicção de suas teses. Os gestos com as mãos se apresentaram como estratégia de enfatizar o que estava sendo dito e fortalecer a tese proposta, quando gesticuladas com força, seguindo a expressão e o tom de voz do candidato; e também foram estratégias de desestabilizar o oponente, quando espalmadas, em tom de surpresa. O olhar se mostrou como um elemento igualmente interessante, haja vista ter ocorrido positiva e negativamente à argumentação, a depender da maneira como era empregado: ocorreu como meio de enfraquecer um dos opositores a partir de uma perspectiva de reprovação; de demonstrar insegurança, maculando o enunciado daquele que deixou transparecer tal estado, sobretudo quando não tinha um alvo fixo; mas também de modo a trazer benefícios às atividades argumentativas, quando demonstrou firmeza e convicção por parte do debatedor no momento da apresentação de um postulado, dirigindo o olhar diretamente para a câmera, onde estão seus verdadeiros interlocutores.

Finalmente, acreditamos que as hipóteses derivadas deste estudo piloto abrem possibilidade para serem testadas em novas pesquisas e destacamos que urge a necessidade de ampliar os estudos desses recursos semióticos da oralidade em outros gêneros predominantemente orais, de diferentes campos de atividade humana.

REFERÊNCIAS

- ADAMI, E. Multimodality. In: GARCIA, O.; FLORES, N.; SPOTTI, M. *Handbook of language and society*. Oxford: Oxford University Press, 2016.
- BIRDWHISTELL, R. *El lenguaje de la expression corporal*. Barcelona. Gustavo Gill, 1970.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CESTERO MANCERA, A. M. La comunicación no verbal y el estudio de su incidencia en fenómenos discursivos como la ironía. VIII *Jornadas de Estudios de Linguística*. ELUA, 2006, p. 57-77. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/6074/1/ELUA_20_03.pdf. Acesso em: 25 fev. 2021.
- DAVIS, F. *Comunicação não-verbal*. São Paulo, Summus, 2009. [1979]
- DIONÍSIO, A. P. Análise da Conversação. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. V. 2. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- DIONÍSIO, A. P. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita (atividades)”. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. (orgs.). *Fala e Escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- DIONÍSIO, A. P. Multimodalidade, convenções visuais e leitura. In: DIONÍSIO, A. P. (Org.). *Multimodalidade e leituras: funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais*. Recife: Pipa Comunicação, 2014, p. 41-69.
- FRAZÃO, E. A. S.; LIMA, V. S. Análise da conversação no Brasil: os desdobramentos de um campo de formação multidisciplinar. *Revista Entrepalavras*, v. 7, n. 2, p. 622-637, ago./dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321.7.2.622-637>

- GOFFMAN, E. *Interaction ritual: essays on face-to-face behavior*. Garden City: Anchor Doubleday, 1967.
- GONTIJO, L. A. *Filosofia do direito: metodologia jurídica, teoria da argumentação e guinada linguístico-pragmática*. Belo Horizonte: Arraes Editores, 2011.
- GOODWIN, M. H.; GOODWIN, C. Gesture and Coparticipation in the Activity of Searching for a Word. *Semiotica*, 62(1-2):51-75, 1986. <https://doi.org/10.1515/semi.1986.62.1-2.51>
- GOODWIN, C. Action and embodiment within situated human interaction. *Journal of Pragmatics*. 32, p. 1489-1522, 2000.
- KENDON, A. *Gesture. Visible Action as Utterance*. 3 ed. New York: Cambridge University Press, 2004.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- KNAPP, M. L. *La comunicación no verbal: el cuerpo y el entorno*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, S.A., 1982.
- KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- KRESS, G. *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. New York, Routledge, 2010.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. 2 ed. London; New York: Longman, [1996] 2006.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- MIGUEL, F. K. Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional. *Psico-USF, Bragança Paulista*, v. 20, n. 1, p. 153-162, jan./abr. 2015. <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200114>
- MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- MONDADA, L. Challenges of multimodality: Language and the body in social interaction. *Journal of Sociolinguistics*, 20(30), p. 336-366, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1111/josl.11217>
- OSWALDO, Z. *Debate eleitoral 2014 - 2º turno - Globo 24/OUT [1º BLOCO]*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rpGGoyKXpd4>>. Acesso em: 02 dez.2016.
- OSTERMANN, A. C.; PEROBELLI, R. Novos Estudos do Letramento e Análise da Conversa: O ajuste ao interlocutor em práticas de Letramento em Saúde. *Revista da Anpoll (online)*, v. 49, p. 142-157, 2019.
- PERELMAN, C. *Lógica jurídica*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R.; MOURA, E. (Org.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.
- STEINBERG, M. *Os elementos não-verbais da conversação*. São Paulo: Atual, 1988.

TRAVAGLIA, L. C. et alii. Gêneros orais - conceituação e caracterização. *Olhares & Trilhas*, v. 19, n. 2, p. 12-24, 28 dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.14393/OT2017v19.n.2.12-24>

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad: Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.